

A DUALIDADE NA ERA DA INFORMAÇÃO - IMPACTO NOS MOVIMENTOS SOCIAIS E OS DESAFIOS DO SENSACIONALISMO DIGITAL: UMA ANÁLISE DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+

Tecnologia

**Bárbara Miguel Ouriques¹; João Luís Dutra da Silva²; Autor³; Autor⁴; Autor⁵; Autor⁶;
Autor⁷**

Resumo: O impacto da internet nos movimentos sociais é complexo, especialmente ao abordar os novos horizontes que a Era da Informação proporcionou ao revolucionar o modo como nos comunicamos em escala global e quais impactos essa revolução gerou em movimentos sociais que, até então, careciam de visibilidade. O objetivo da pesquisa visa apontar aspectos positivos e aspectos negativos da Era da Informação, analisando como o movimento social LGBTQIA+ foi impactado por tal. A pesquisa tem caráter qualitativo/quantitativo, empregando estudo de casos, revisões bibliográficas e gráficos como principais instrumentos de análise. Perpassa, desse modo, a história do movimento LGBTQIAPN+, expondo causalidades sensacionalistas no Brasil e proporcionando um debate quanto à dualidade desse ambiente virtual.

Palavras-chave: era da informação; sensacionalismo digital; desinformação; movimentos sociais; LGBTQIAPN+.

Introdução

A Era da Informação trouxe consigo uma revolução na maneira como as sociedades se comunicam, organizam e promovem mudanças sociais. Essa revolução digital abriu novas possibilidades para movimentos sociais que, por muito tempo, lutaram por espaço e visibilidade. Entretanto, essa nova realidade digital também apresenta desafios significativos, como o sensacionalismo e a desinformação, que podem distorcer a percepção pública e afetar negativamente as causas defendidas por esses movimentos.

Neste contexto, o movimento LGBTQIAPN+ no Brasil é um exemplo dessa dualidade. Se, por um lado, a internet tem sido uma ferramenta poderosa para dar visibilidade e voz a uma comunidade historicamente marginalizada, por outro, ela também tem sido palco de campanhas de ódio e desinformação, que buscam arruinar os avanços conquistados. A análise dessa dualidade é essencial para entender como os movimentos sociais podem navegar e se fortalecer em um ambiente digital permeado por informações conflitantes e, muitas vezes, manipuladas. Dessa forma,

a questão norteadora do estudo é: como o movimento LGBTQIAPN+ é impactado pela Era da Informação.

Para responder a questão de pesquisa, este artigo tem como objetivo geral explorar como o movimento LGBTQIAPN+ tem sido impactado pela Era da Informação, examinando tanto os aspectos positivos quanto os desafios impostos pelo sensacionalismo digital. Mais especificamente, pretendemos: estudar a revolução da comunicação digital; descrever brevemente a história do movimento LGBTQIAPN+ e apresentar casos polêmicos a partir das narrativas sensacionalistas do kitgay e da exposição Queer. A partir de uma abordagem qualitativa e quantitativa foi realizada uma análise detalhada do cenário atual, destacando a evolução do movimento e os casos que ilustram as tensões entre visibilidade e preconceito no ambiente *online*.

A pesquisa se justifica por sua relevância social em meio aos debates que se travam em relação ao uso das tecnologias de comunicação e informação.

Procedimentos Metodológicos

A metodologia proposta inicia-se com uma pesquisa bibliográfica abrangente, compreendendo a análise de uma variedade de materiais como livros e artigos científicos, relacionados aos temas da Era da Informação, Era da Pós-Infomação, Movimentos Sociais e o Movimento LGBTQIAPN+.

A abordagem da pesquisa é mista, combinando aspectos qualitativos e quantitativos. Foram consultadas fontes em artigos que abrangem as temáticas propostas, além de *sites* de instituições reconhecidas e livros. A avaliação crítica das fontes utilizará critérios como confiabilidade, autoria e data de publicação. Posteriormente, será realizada uma análise de casos, selecionando exemplos representativos do sensacionalismo digital no Brasil.

A Era da Informação e suas Benesses: A Revolução do Modo como Nos Comunicamos

A Era da Informação transformou profundamente a maneira como nos comunicamos. A digitalização das interações humanas, impulsionada principalmente pela expansão da internet e das redes sociais, transformou não apenas o cotidiano das pessoas, mas também a maneira como a sociedade se organiza, se informa e se

expressa. Nesse contexto, as redes sociais não são apenas ferramentas de comunicação, mas também agentes de mudança política, social e cultural.

O impacto dessas mudanças se reflete em diversas áreas do conhecimento, incluindo a história. A era digital tem afetado significativamente o trabalho de historiadores, como observado por Dilton Maynard, que afirma: "a era digital tem afetado todos aqueles que praticam e estudam a história profissionalmente" (Maynard, 2015, p. 78). A internet, ao democratizar o acesso a arquivos e fontes históricas, potencializa a prática historiográfica ao torná-la mais inclusiva e acessível. Com a internet, o acesso a arquivos e fontes históricas se tornou muito mais amplo e acessível. Isso significa que, hoje, mais pessoas podem explorar e entender o passado, o que é especialmente importante em países de grandes dimensões, como o Brasil. De fato, como destaca Maynard, "esta mudança possui um efeito democratizador sem precedentes" (Maynard, 2015, p. 78).

Recorte Histórico das Revoluções que nos Levaram até a Era da Informação

A Era da Informação é o resultado de um longo processo histórico de revoluções tecnológicas e sociais. A Revolução Industrial, por exemplo, foi um marco na transformação das relações de trabalho e na produção em massa, o que exigiu novas formas de comunicação e gestão da informação. Posteriormente, a Revolução Tecnológica, especialmente a partir da segunda metade do século XX, trouxe inovações como o computador pessoal e a internet, que possibilitaram a criação de uma rede global de comunicação.

Essa jornada histórica mostra uma tendência: a comunicação humana foi se tornando cada vez mais rápida e desmaterializada. Desde as cartas e telegramas, passamos a utilizar e-mails e mensagens instantâneas, até chegarmos à era digital em que vivemos hoje, onde a informação circula de forma quase instantânea, conectando pessoas ao redor do mundo como nunca visto antes.

A História do Movimento LGBTQIA+

A história do movimento, como o conhecemos hoje, é comumente traçada a partir da Rebelião de Stonewall, ocorrida em 1969 em Nova York. Esse evento, no qual clientes LGBTQIAPN+ de um bar se revoltaram contra uma violenta ação policial, é considerado o início de uma nova era de ativismo e organização.

Movimentos sociais são ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas. Na ação concreta essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até às pressões indiretas. Na atualidade, os principais movimentos sociais atuam por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação e informação, como a internet (Gohn, 2010, p.3).

No Brasil, o movimento também possui uma trajetória rica, embora marcada por desafios específicos. A ditadura militar, que se estendeu de 1964 a 1985, reprimiu severamente qualquer forma de desarmonia, incluindo o movimento LGBTQIAPN+. Apesar desse contexto adverso, grupos e publicações independentes surgiram, contribuindo para a construção de uma rede de apoio e resistência (Maia e Guzo, 2019).

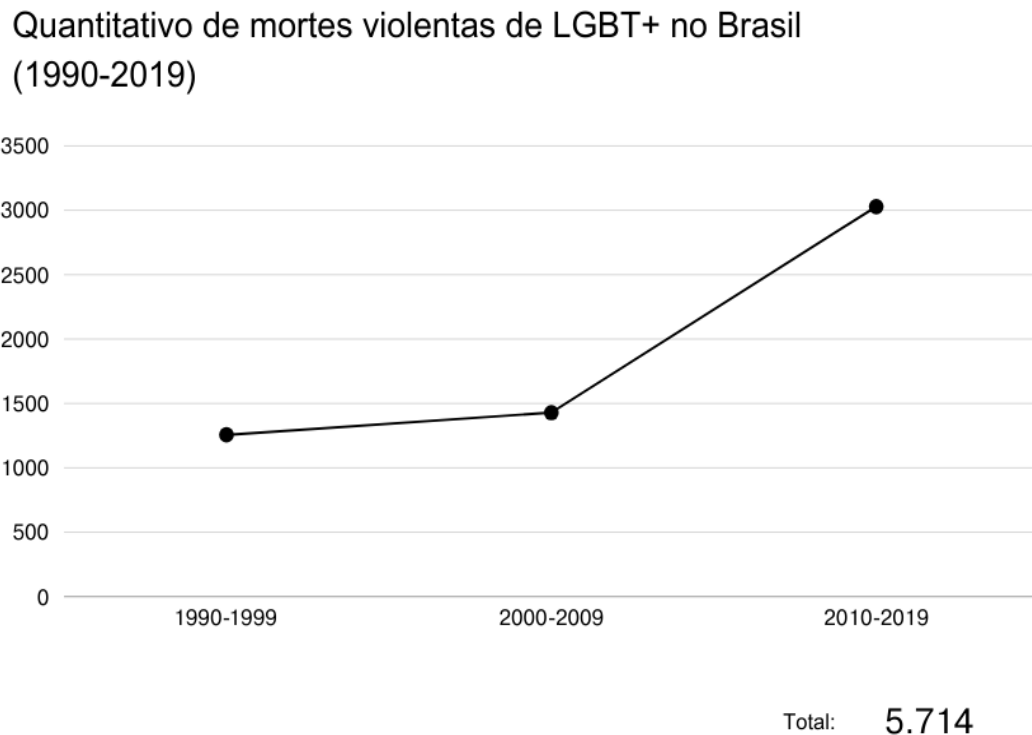
O episódio, conhecido como Stonewall Riot (Rebelião de Stonewall), teve duração de seis dias e foi uma resposta às ações arbitrárias da polícia que, rotineiramente, promovia batidas e revistas humilhantes em bares gays de Nova Iorque. Por isso, é comemorado mundialmente, em 28 de junho, Dia Internacional do Orgulho LGBT. Uma data para celebrar vitórias históricas, mas também para lembrar que ainda há um longo caminho a ser percorrido (Maia e Guzo, 2019, s.p.).

O movimento LGBTQIA+ no Brasil começou a se organizar de forma mais estruturada a partir da década de 1970, em meio à ditadura militar. Publicações como "Lampião da Esquina" e "ChanacomChana" foram cruciais nesse processo, servindo como veículos de denúncia da violência e de afirmação de identidade. A resistência à censura e à repressão, como o episódio do Ferro's Bar, consolidou a data de 19 de agosto como o Dia do Orgulho Lésbico em São Paulo. No entanto, a epidemia de AIDS na década de 1980 trouxe novos desafios, estigmatizando a comunidade e redirecionando as lutas do movimento para a área da saúde. Apesar das adversidades, a crise da AIDS também impulsionou a visibilidade e a organização da comunidade LGBTQIA+ no país (Maia e Guzo, 2019).

O demonstrativo no gráfico 1 representa a dualidade do objeto desta pesquisa, a partir dos dados da pesquisa do Grupo Gay Brasil. Observa-se que, apesar da Era Digital trazer *benesses* ao movimento, o quantitativo de mortes violentas no Brasil

continua a subir, em comparação ao período anterior à internet (1990-2000) como conhecemos hoje.

Gráfico 1- Quantitativo de Mortes LGBTQIAPN+ entre 1999 a 2020



Fonte: Grupo Gay Bahia, 2023.

Ainda segundo pesquisa do IBGE (2019), no que diz respeito ao número de pessoas autodeclaradas LGBTs, 1,2%, ou 1,8 milhão de pessoas declaram-se homossexuais, têm atração por pessoas do mesmo sexo ou gênero; e, 0,7%, ou 1,1 milhão, declaram-se bissexual, tem atração por mais de um gênero ou sexo binário.

Ao longo da história, este movimento teve conquistas históricas, com a criminalização da homofobia equiparada ao racismo. Apesar da visibilidade e representatividade serem pautas frequentes na mídia, atualmente, os desafios não cessam aqui. O Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas que fogem da norma heteronormativa. Essas pessoas são vistas como corpos estranhos, como os outros.

Há muito tempo, dentro do movimento LGBT, argumenta-se que a visibilidade é uma estratégia de confronto. Levando em consideração postagens na internet, diríamos que aparecer não é mais problema, mas os problemas não desaparecem (Soares; Fonseca, 2016, p. 148).

A comunidade LGBTQIAPN+ ainda enfrenta preconceitos, violência e desafios para acessar direitos básicos, como moradia e emprego, principalmente, tratando-se de pessoas transexuais. É fundamental que a sociedade como um todo se engaje na construção de um futuro mais justo para todos.

O Digital Impulsionando os Movimentos Sociais: Ciberdemocracia, Ciberativismo ou Ativismo Digital

Com a crescente digitalização da sociedade, a internet tornou-se um palco fundamental para a mobilização e organização de movimentos sociais. A rapidez e o alcance da comunicação *online* possibilitaram que ideias e causas se espalhassem por todo o globo, conectando pessoas com interesses comuns e amplificando suas vozes.

Este fenômeno, que engloba conceitos como *Ciberdemocracia*, *Ciberativismo* e *ativismo digital*, representa uma nova forma de ativismo político e social, com características e desafios próprios.

O movimento LGBTQIAPN+ foi um dos pioneiros na utilização das ferramentas digitais para se organizar, mobilizar e conquistar direitos. A internet proporcionou um espaço, a princípio, seguro para que pessoas LGBTs se encontrassem, compartilhassem experiências e encontrassem apoio em comunidades *online*. Possibilitou, então, uma maior centralização dando força às reivindicações dos direitos básicos.

Essa trajetória demonstra como as novas tecnologias podem reconfigurar as dinâmicas dos movimentos sociais, alinhando-se com a ideia de que “os movimentos sociais do século XIX e das primeiras décadas do século XX não são os mesmos movimentos sociais emergentes nos anos 1960 que, por sua vez, também são diferentes dos movimentos sociais contemporâneos” (Espindola, 2017, p. 2).

A relação entre “anomia” e movimentos sociais cede espaço para novas perspectivas. No ciberespaço, a informação circula livremente, “uma vez que uma informação pública se encontra no ciberespaço, ela está virtual e imediatamente à

minha disposição, independentemente das coordenadas espaciais de seu suporte físico” (Lévy, 1999 *apud* Rebouças; Young, 2022, p.281).

As redes sociais nos “permite superar as barreiras espaço temporais para conectar públicos e interlocutores semelhantes, de forma que conseguimos fazer comparações diversas ainda que similares realidades locais” (Muniz, 2023, p.78)), fortalecendo a construção de redes de solidariedade transnacionais.

Sensacionalismo, Desinformação e o Poder das Narrativas: Analisando os Casos do Kit Gay e do Queer Museu na Era Digital

A disseminação de notícias falsas e a manipulação da opinião pública são desafios cada vez mais presentes em nossa sociedade, especialmente na era digital. O sensacionalismo, como apontam Stephens (2007) Angrimani (1995 *apud* Poço; Jacinto, 2021) e outros autores, é uma estratégia que explora a emoção e a superficialidade para atrair a atenção do público, muitas vezes distorcendo a realidade e simplificando complexas questões sociais.

Casos como o do Kit Gay e do Queer Museu no Brasil exemplificam como o sensacionalismo, amplificado pelas redes sociais, pode gerar polarização, intolerância e, conseqüentemente, limitar o debate público. A distorção da realidade, a associação de ideias complexas a conceitos básicos e a criação de narrativas que apelam para o medo e o preconceito são características marcantes dessas campanhas (Balieiro, 2022).

A internet, ao democratizar a produção e a disseminação de informações, criou um ambiente propício para a proliferação de notícias falsas e a construção de narrativas alternativas. Como aponta Alves (2008), a velocidade com que a informação circula nas redes sociais dificulta a verificação de fatos e a construção de um debate fundamentado.

A ausência de regulamentação e a facilidade de criação de identidades falsas nas redes sociais, como ressalta Angrimani (1995), contribuem para a disseminação de discursos de ódio e a manipulação da opinião pública. A falta de responsabilidade dos usuários e a ausência de mecanismos eficazes de verificação de fatos criam um ambiente propício para a proliferação de *fake news*.

A análise dos casos do Kit Gay e do Queer Museu revela a importância de compreender os mecanismos psicológicos que levam as pessoas a acreditar em notícias falsas e a compartilhar informações sem verificar sua veracidade. Angrimani

(1995) associa o sensacionalismo ao "superego sádico", sugerindo que o prazer em disseminar notícias chocantes e sensacionalistas pode estar relacionado a uma necessidade de gratificação imediata e à busca por uma identidade grupal.

O Caso do Kit Gay

Neste caso, um conjunto de materiais pedagógicos destinado a promover a educação sexual nas escolas brasileiras expõe de forma clara os perigos da desinformação na era digital. Concebido para abordar temas como diversidade sexual, gênero e direitos humanos, de forma clara e precisa, o material foi alvo de uma campanha de difamação coordenada e intensa, impulsionada por grupos conservadores e religiosos (Romancini, 2018).

A principal estratégia utilizada por esses grupos foi a disseminação de notícias falsas e a distorção do conteúdo do Kit Gay. Ao associar o material à pedofilia e à imoralidade, os críticos criaram um clima de pânico moral que mobilizou a opinião pública contra o projeto. As redes sociais, com sua capacidade de amplificar rapidamente as mensagens e de conectar pessoas com ideias semelhantes, mostraram-se como terreno perfeito para essa campanha de desinformação.

As consequências dessa manipulação da informação foram devastadoras. O Kit Gay, que tinha como objetivo promover a inclusão e o respeito à diversidade, foi retirado das escolas, o que representou um retrocesso na área da educação sexual no Brasil. Além disso, a polêmica gerou um clima de polarização na sociedade, aprofundando as divisões entre grupos conservadores e progressistas. Professores que utilizavam o material foram alvo de ataques e ameaças, criando um ambiente de insegurança e constrangimento nas escolas. (Balieiro, 2022))

O Caso do *Queer* Museu

Uma exposição que visava celebrar a diversidade sexual e de gênero, tornou-se o núcleo central de uma intensa polêmica no Brasil. A mostra, que reunia obras de diversos artistas, abordando temas como identidade de gênero, sexualidade e direitos humanos, foi alvo de uma campanha de difamação e ataques por parte de grupos conservadores (Balieiro, 2022).

A análise da polêmica em torno do *Queer* Museu pode ser enriquecida pela teoria da argumentação de Amossy. A divisão foi evidente na oposição entre a visão da arte como expressão e a visão da arte como imoralidade. A polarização foi

intensificada pela mobilização de grupos conservadores nas redes sociais, que convocaram seus seguidores a se posicionarem contra a exposição. A desqualificação foi utilizada para desacreditar os artistas e curadores, associando a arte à pedofilia e à imoralidade (Balieiro, 2022).

A publicação de artigos de opinião em sites conservadores, os vídeos de ativistas nas redes sociais e a mobilização de grupos como o Movimento Brasil Livre (MBL) foram fundamentais para a amplificação da polêmica. A rapidez com que a notícia se espalhou pelas redes sociais e a pressão exercida sobre o Santander demonstram o poder da mobilização digital na construção de narrativas e na definição da agenda pública (Balieiro, 2022).

O encerramento da exposição, em resposta à pressão dos grupos conservadores, revela a fragilidade das instituições culturais diante de campanhas de desinformação e de ódio. A decisão do Santander de ceder às ameaças demonstra o quanto as empresas estão dispostas a sacrificar seus valores em nome da rentabilidade. A polêmica em torno da exposição expõe a fragilidade da democracia brasileira e a necessidade de fortalecer os mecanismos de proteção à liberdade de expressão e à diversidade (Balieiro, 2022).

Estes recortes feitos neste estudo são resultados das pesquisas feitas e relacionadas nas referências. Como acadêmicos, nosso objetivo maior foi o de descrever o impacto que as tecnologias de comunicação e informação trazem à sociedade como um todo e o quanto se faz necessário analisar com cuidado todas as informações que se veiculam na rede.

Considerações Finais

A internet revolucionou a forma como os movimentos sociais se organizam e se comunicam, proporcionando novas oportunidades para a mobilização e a visibilidade. No entanto, a mesma tecnologia que possibilita a conexão e a colaboração também pode ser utilizada para disseminar o ódio, a desinformação e o sensacionalismo. Os casos do Kit Gay e do *Queer* Museu exemplificam essa dualidade, evidenciando como a manipulação da informação pode ter consequências profundas para a democracia e para os direitos humanos.

A essa dualidade, Chauí (2017) contribui ao discutir a relação entre o real e o virtual, destacando a importância de autorizar e ser autorizado a existir socialmente e politicamente no ciberespaço. Essa existência, permeada pela atopia e acronia,

permite a experimentação e a construção de identidades, mas também expõe os indivíduos a ataques e discursos de ódio.

Outros autores nos lembram do potencial da inteligência coletiva para a construção de conhecimento e a mobilização social. No entanto, essa mesma inteligência pode ser utilizada para disseminar discursos de ódio e atacar grupos minoritários. A capacidade de conectar pessoas e disseminar informações rapidamente também pode ser utilizada para organizar ataques coordenados, como aqueles sofridos por páginas que defendem causas feministas, LGBTQIAPN+ e raciais.

Nesse sentido, cabe dizer que o Ciberativismo é uma nova forma de atuação política, possibilitada pela internet. No entanto, a facilidade de organização e mobilização também pode ser utilizada por grupos que buscam disseminar o ódio e a intolerância.

Diante desse cenário complexo, é fundamental que os movimentos sociais desenvolvam estratégias para enfrentar os desafios impostos pelo ambiente digital. A promoção da educação midiática, a criação de redes de verificação de fatos e a construção de narrativas positivas são algumas das ações que podem contribuir para fortalecer a resistência contra o sensacionalismo e a desinformação.

Além disso, é essencial que as plataformas digitais assumam sua responsabilidade na moderação de conteúdos e na prevenção da disseminação de discursos de ódio. A construção de um futuro mais justo e igualitário depende da nossa capacidade de utilizar as ferramentas digitais de forma responsável e ética. É preciso encontrar um equilíbrio entre a liberdade de expressão e a necessidade de proteger os indivíduos e grupos vulneráveis. A educação, a conscientização e a participação ativa da sociedade são elementos cruciais para construir um ciberespaço mais justo e democrático.

Referências

ALVES, Rhaiane Prado Lemos; SANTOS, Josias Farias. **Um estudo de reconhecimento à comunidade LGBTQIA+ e às novas formas de lutar e se relacionar na era digital**. Disponível em: <<https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/220107364.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2024.

ANGRIMANI, D. **Espreme que sai sangue**. Um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo, 1995.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. **Uma sociologia do escândalo da Mostra Queermuseu**: disputas de enquadramento midiático entre o jornalismo profissional e o Movimento Brasil Livre. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/F7575JWYKBMXzhLxWjhMywh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em set. 2024.

CHAUÍ, Marilena. Espaço, tempo, mundo virtual. **Canal Café Filosófico** – Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4Qj_M6bnE-Y. Acesso em 26 ago. 2024.

ESPINDOLA, Carolina B. **Movimentos Sociais em Movimento**: O Ativismo LGBT das margens às redes. 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade. Anais. Disponível em: <https://labds.eci.ufmg.br/bitstream/123456789/106/1/19.%20Movimentos%20sociais%20em%20movimento%20o%20ativismo%20LGBT%20das%20margens%20%c3%a0s%20redes%20Autor%20Carolina%20Bonoto%20Espindola.pdf>. Acesso em 20 ago.2024.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Trabalho encomendado pelo Grupo de Trabalho Movimentos Sociais e Educação, apresentado na 33ª Reunião Anual da ANPEd, realizada em Caxambu (MG), de 17 a 20 de Outubro de 2010. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/172155/movimentos_sociais_na_contemporaneidade.pdf. Acesso em 10 set.2024.

GRUPO GAY DA BAHIA. Observatório 2023 de Mortes Violentas de LGBTQ+ no Brasil, Grupo Gay da Bahia. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/wp-content/uploads/bsk-pdf-manager/2024/02/observatorio-2023-de-mortes-violentas-de-lgbt-1.pdf>. Acesso em set. 2024.

IBGE. Em pesquisa inédita do IBGE, 2,9 milhões de adultos se declararam homossexuais ou bissexuais em 2019. **Notícias**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33785-em-pesquisa-inedita-do-ibge-2-9-milhoes-de-adultos-se-declararam-homossexuais-ou-bissexuais-em-2019>. Acesso em 18 ago.2024.

LEITE, Marcos Paulo. Feitos da bolha: conservadorismo e militância digital no caso Queermuseu. **Mídia e Cotidiano**, v. 14, n. 2, p. 1-18, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/43158>>. Acesso em: 15 ago. 2024. (não encontrei essa referência citada no texto)

MAYNARD, Dilton C.S. **Passado Eletrônico**: Notas sobre a História Digital. Revista Acervo, 2015. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/726/731>. Acesso em 10 set. 2024.

MELO, Aline; CAVALCANTE, Pedro. A integração da gestão de resíduos sólidos: um estudo de caso. **Revista de Estudos Sociais**, v. 22, n. 1, p. 45-58, 2024.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/zYRKvNGKXjbDhtWhqjxMyZQ>. Acesso em: 18 ago. 2024. (não encontrei essa referência citada no texto)

MOREIRA, Samantha. ANTRA: saberes, discursos e militância política trans na Internet nos anos 2000. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 15, n. 1, p. 1-18, 2021. Disponível em: <<https://rima.ufrj.br/jspui/handle/20.500.14407/13956>>. Acesso em: 25 ago. 2024. (não encontrei essa referência citada no texto)

MUNIZ, Cintia F. de Castro. **ANTRA**: saberes, discursos e militância política trans na Internet nos anos 2000. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro- Seropédica – RJ- 2023. Disponível em: <https://rima.ufrj.br/jspui/bitstream/20.500.14407/13956/3/2023%20-%20Cintia%20Ferreira%20de%20Castro%20Muniz.Pdf>. Acesso em 10 set. 2024.

NASCIMENTO, Juliana Furtado. Cibercultura queer: a autoria LGBTQI+ no digital em rede. **Anais do Desfazendo Gênero 2021**. p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV168_MD_SA_ID_17122021105958.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2024. (não encontrei essa referência citada no texto)

PEREIRA, Ranniery de Carvalho; MOREIRA, Iara. Aparecer não é problema, mas os problemas não desaparecem: ativismo gay, humor e visibilidade na era digital. **Bagoas - Revista de Estudos Gays: gêneros e sexualidades**, v. 13, n. 20, p. 104-128, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/11450>>. Acesso em: 28 ago. 2024. (não encontrei essa referência citada no texto)

POÇO, Miguel e JACINTO, Daniel. Digitalização do sensacionalismo: do tradicional ao on-line. Unidade Curricular de Ética e Deontologia da Comunicação da licenciatura em Ciências da Comunicação da Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve. UALG, FARO, 2021. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/bitstreams/6be4266d-99df-4324-94ee-ff171c459215/download>. Acesso em 10 set.2024.

REBOUÇAS, Willane A. S. e YOUNG, Regina S. Um Estudo de Reconhecimento à Comunidade LBGTQIA+ e às Novas Formas de Lutar e se Relacionar na Era Digital. In: JOVINO, Ione da Silva. **Raça, Etnia e Gênero: Questões do Tempo Presente**. Disponível em : <https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/um-estudo-de-reconhecimento-a-comunidade-lgbtqia-e-as-novas-formas-de-lutar-e-se-relacionar-na-era-digital>. Acesso em 10 set.2024.

ROMANCINI, Richard. Do “Kit Gay” ao “Monitor Da Doutrinação”: a reação conservadora no Brasil. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 02, pp. 87-108, ago. 2018/ nov. 2018.

SILVA, Rafael Paiva da. A rede digital como catalisadora de espaços informativos em torno das marcas da diferença: uma análise da página Cartazes e Tirinhas LGBT. **Periódicus - Revista de Estudos Indisciplinares em Gênero e Sexualidade**, v. 1, n. 8, p. 1-26, 2017. Disponível em:

<<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/21529>>. Acesso em: 28 ago. 2024. (não encontrei essa referência citada no texto).

SOARES, M. da C. S.; DA FONSECA, J. B. Aparecer não é problema, mas os problemas não desaparecem: ativismo gay, humor e visibilidade na era digital. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 10, n. 14, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/11450>. Acesso em: 22 out. 2024.